

Na Guerra e na Paz

A VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES E MENINAS

A pesar do uso da violência contra mulheres e meninas como uma “arma de guerra” ter recebido uma larga atenção internacional, apenas recentemente os pesquisadores iniciaram a avaliar a sua predominância em tempos de paz e em sociedades em transição. Este capítulo examina a violência sexual e doméstica – duas formas difundidas de violência contra mulheres e meninas – a nível internacional e através da experiência de dois países saídos de conflitos: a Libéria e o Nepal. O capítulo dá uma atenção particular para a influência de normas sociais como fatores de risco e trata do papel das armas no contexto da violência contra a mulher. Ele também examina desafios em responder à violência contra mulheres e meninas através da reforma de normas sociais subjacentes em ambientes em situação de pós-conflito.

A violência contra mulheres é um fenômeno global. Um relatório recente da Organização Mundial da Saúde sobre a violência entre parceiros íntimos em alguns países escolhidos mostra que, no mundo inteiro, 36 por cento das mulheres com idade entre 15 e 69 anos viveram alguma forma de violência física e/ou sexual. Embora os dados oficiais nacionais sugerirem variações significativas

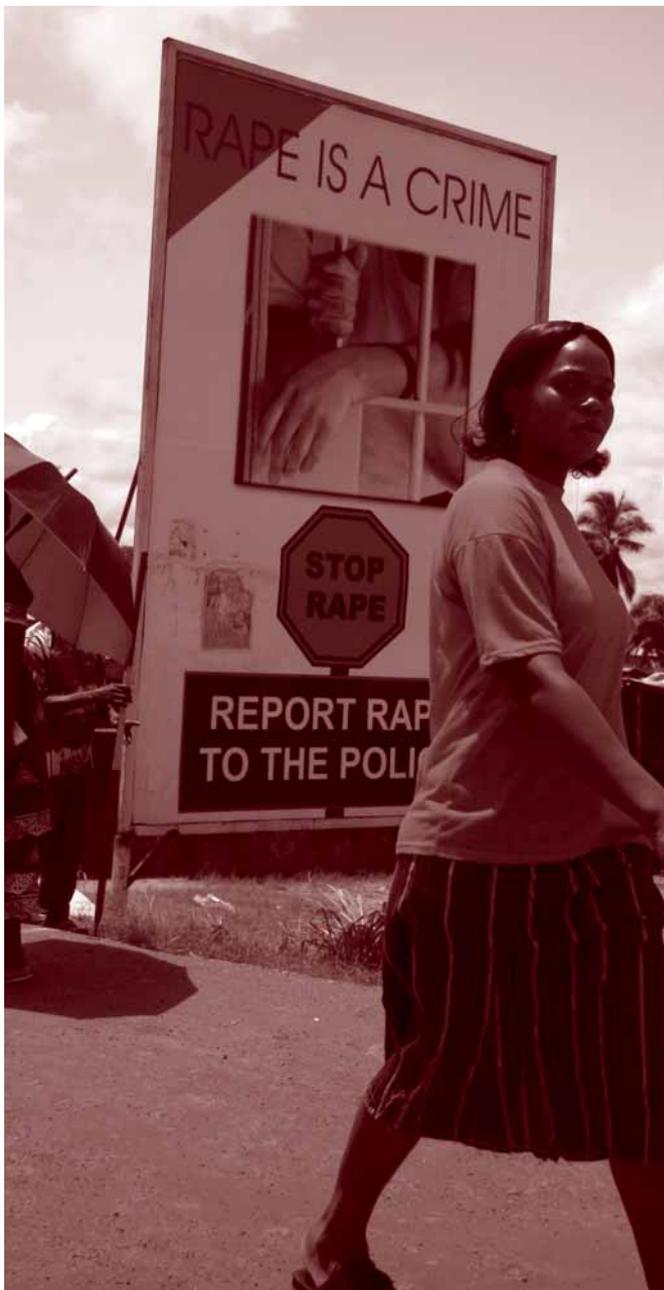
entre países e regiões, as diferentes definições e metodologias de pesquisa de país para país comprometem comparações entre os países. Em todo o mundo, os estigmas sociais, o medo de retaliações e as justificações da violência doméstica, acabam muitas vezes por dissuadir as mulheres de notificar incidentes violentos à polícia, fazendo com que o fenômeno seja difícil de quantificar.

Os índices de violência doméstica são mais elevados onde esta é aceite socialmente como uma reação justificada aos conflitos domésticos.

Determinando as formas pelas quais o comportamento violento é incentivado através da aprovação social ou dissuadido através da estigmatização, as normas sociais podem influenciar o predomínio da violência contra mulheres e meninas. De acordo com um estudo feito pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico, o índice médio da violência doméstica em países onde esta é altamente aceite como uma resposta justificada para os conflitos domésticos, é maior que o dobro da média em países onde esta aceitação é baixa.

Na Libéria, a violência sexual foi uma característica fundamental dos conflitos civis do país. Levantamentos e coletas de dados sobre a vitimização feitos pelo Governo da Libéria, indicaram que a violência sexual e doméstica são ainda predominantes no país mesmo dez anos após o fim da guerra civil, e apesar das rigorosas leis proibindo o estupro. Normas sociais adquiridas durante o conflito, juntamente com a desigualdade de gêneros já existente antes da guerra, continuam a influenciar normas relativas ao estupro na Libéria na situação de pós-conflito. Quase seis entre dez mulheres liberianas entrevistadas disseram que um marido está justificado a bater na sua mulher sob certas circunstâncias, enquanto 44 por cento de todos os liberianos são da opinião de que não há algo como “estupro” dentro de um casamento ou de outro tipo de relacionamento íntimo.

Assim como na Libéria, partidos hostis na guerra civil de dez anos no Nepal também usaram a violência sexual como uma arma de guerra. Apesar da permanente subnotificação impedir uma quantificação confiável da violência contra mulheres e meninas nos dias de hoje, estudos sugerem que esta se mantém generalizada na era pós-conflito e que as normas sociais são um importante fator de risco. A nível familiar, as relações de poder desequilibradas entre um casal e a percepção da violência como um corretivo aceitável, servem para



Um pôster escrito “estupro é crime” faz parte de uma campanha para combater os abusos aos direitos humanos, Monróvia, Julho de 2006. © Betty Press/Panos Pictures

Tabela 1.1 Atitudes dos homens com respeito a violência contra mulheres e meninas em 2011, em distritos escolhidos, pelo tipo de violência (n=1,000)

Tipos de violência	Atitudes que apoiam direta ou indiretamente a violência contra mulheres e meninas no Nepal	% dos entrevistados que concordam*
Violência doméstica	Há momentos que a mulher merece apanhar.	43.6
	Se a mulher faz algo errado, seu marido ou parceiro tem o direito de puni-la.	77.3
	Uma mulher deve tolerar a violência a fim de manter a família unida.	50.8
Violência sexual	Uma mulher não poder recusar ter sexo com seu marido.	52.1
	Quando uma mulher é estuprada, geralmente ela é responsável por se colocar nessa situação.	20.6
	Se a mulher não resistir fisicamente, não é um estupro.	58.0
Preferência pelo filho	Não ter um filho revela um carma ruim e a falta de virtude moral.	9.5
	O papel mais importante de uma mulher é dar um filho para a família de seu marido.	21.6
	Gerar uma criança masculina mostra que você é realmente um homem.	31.4

Nota: * Fora dos 100 por cento, o percentual restante discorda com as afirmações. A pesquisa entrevistou homens com a idade entre 18 e 49 anos. A amostra incluiu 400 famílias de área urbanas e 600 de áreas rurais de três distritos no Nepal: Saptari, Gorkha, e Dang.

alimentar a VAWG (veja tabela 1.1). Normas que estabelecem o homem como o chefe titular da família determinar uma relação de dominação, com o casamento concedendo a um marido direitos sexuais sobre a sua esposa.

As normas sociais que influenciam a violência contra mulheres e meninas estão também vinculadas às noções de masculinidade que projetam a violência como prerrogativa do homem e as armas como significantes de masculinidades.

Embora muito da violência contra mulheres e meninas no Nepal e na Libéria tenha como tendência envolver instrumentos simples, como armas rudimentares ou armas brancas, ou nenhum instrumento, a violência armada dirigida às mulheres e meninas também é presente. Esta forma de violência resulta, às vezes, em ferimentos ou mortes, apesar de geralmente tomar forma de ameaças ou intimidações dentro da família, o que é raramente relatado.

Atitudes que toleram a violência contra mulheres e meninas muitas vezes suscitam conflitos, mas durante a guerra tais conflitos são reforçados e muitas vezes persistem muito tempo após a término das hostilidades formais.

A experiência da Libéria e do Nepal destaca a razão porque os esforços para mudar as normas discriminatórias tornaram-se um tema recorrente nas discussões sobre o femicídio e outros tipos de violência contra as mulheres. A nível global, as intervenções estão desafiando as normas sociais que apoiam a violência contra mulheres e meninas; estas podem ser integradas em outras abordagens, tais como a melhoria da coleta de dados, reformas jurídicas, fortalecimento econômico e aumento de ofertas de serviços de reação contra a violência contra mulheres e meninas. Mas sociedades saídas de conflitos enfrentam desafios específicos com respeito à violência contra mulheres e meninas e trabalhos para alterar as atitudes que apoiam a violência nesses contextos levam tempo e exigem uma programação mais complexa.

Os projetos para combater as normas sociais discriminatórias são também integrados a trabalhos para controlar as armas ligeiras. Graças principalmente à sensibilização da parte de grupos femininos os quadros normativos internacionais sobre o controle de armas ligeiras e mulheres, paz e segurança acabaram por se relacionar. Ao nível da sensibilização, o elemento da violência contra mulheres e meninas está se tornando mais proeminente em campanhas de controle de armas que tentam alcançar uma maior segurança tanto para os homens quanto para as mulheres.

Para serem mais eficazes, as iniciativas destinadas a mudar as normas sociais em torno do uso da violência devem ser informadas pelas pesquisas. Assim, os trabalhos de pesquisa precisam ser fortalecidos para coletarem dados acurados sobre a violência contra mulheres e meninas em ambientes de pós-conflito e para obterem melhores informações sobre o papel que as armas possuem na violência contra mulheres e meninas. Uma maior evolução e divulgação de boas práticas para a coleta de dados e a realização de levantamentos sobre a violência contra mulheres e meninas em ambientes desafiadores poderia melhorar não apenas a qualidade dos próprios dados, como também sua compatibilidade entres as regiões. ■